

SEIA

Duas Décadas de Jornadas Históricas

XIII JORNADAS HISTÓRICAS
o ideal republicano
e a
luta pela cidadania

XIV JORNADAS HISTÓRICAS
A HISTÓRIA
É O CORPO
10, 11 e 12 de Novembro
Auditório do Centro Municipal de Cultura

X JORNADAS HISTÓRICAS
PORTUGAL:
MITOS E RITOS
14, 15 e 16 de Novembro
Auditório do Centro Municipal de Cultura

XVI JORNADAS HISTÓRICAS
HOMO LUDENS
HOMO SAPIENS
11 e 12 de Novembro
Auditório do Centro Municipal de Cultura

XV JORNADAS HISTÓRICAS
História e
alimentação
Saberes, mistérios e sabores
Sela, 15 a 17 de Novembro
Auditório do Centro Municipal de Cultura

XVI JORNADAS HISTÓRICAS
PORTUGAL
NA BALANÇA
DO(S) MUNDO(S)
Sela, 14 a 16 de Novembro
Auditório do Centro Municipal de Cultura

XVII JORNADAS HISTÓRICAS
A CASA E
A FAMÍLIA
Sela, 13 a 15 de Novembro
Auditório do Centro Municipal de Cultura

XVIII JORNADAS HISTÓRICAS
Tempos
Distâncias
12, 13 e 14 de Novembro
Auditório do Centro Municipal de Cultura

XIX
O CAMINHO
FAZ-SE
CAMINHANDO...
18 e 19 de Novembro
Auditório do Centro Municipal de Cultura

Prefácio

É comum definir-se o interior rural do país pelo seu isolamento relativamente aos centros de decisão bem como pela ausência de desenvolvimento face ao litoral urbano, traduzidos, entre outros indicadores, na “desertificação cultural”, na falta de políticas culturais públicas ou na sua instrumentalização política subordinadas a visões estreitas e “paroquiais”.

O livro *Seia. Duas décadas de Jornadas Históricas*, do historiador Jaime Ricardo Gouveia, que reconstitui o forte investimento do município senense, de uma forma continuada e sustentada ao longo de duas décadas, na extensão cultural e na produção e divulgação científicas, desmente por completo esse preconceito tão generalizado.

A autarquia em apreço constitui, pelo contrário, um caso singular de voluntarismo municipal e um exemplo bem-sucedido de intervenção criativa, ilustrando um modelo de desenvolvimento que permite reequacionar o papel das dinâmicas socioculturais autárquicas nas políticas de proximidade das respetivas regiões. É manifesto o reconhecimento atribuído à educação, à cultura e, muito em especial, à história, na construção de valores solidários, abertos à diferença e ao diálogo com outros tempos, outros lugares e pessoas, bem como o seu contributo para a definição de uma cidadania ativa e de um sentimento de pertença à coletividade. O estudo do passado, sabem os historiadores, desenvolve a consciência cívica da necessidade de integração e de intervenção na vida das comunidades, fundamento de uma política cultural democrática atenta ao quotidiano e às vivências concretas.

Foram estes os princípios norteadores que estiveram na base do lançamento das Jornadas Históricas de Seia, no ano de 1998, cuja primeira edição teve como tema *Os Descobrimentos Portugueses*. Não foi objetivo dos organizadores que a iniciativa se centrasse na história local, “praça pública” onde, conforme nos revela António de Oliveira, “todos os caminhos das autarquias de hoje vão dar”¹.

A sua prioridade visou o cruzamento de saberes, a interdisciplinaridade, as pluralizações do tempo e do espaço como forma de superar as visões de pequenas parcelas isoladas, apoiando-se num conjunto alargado de especialistas, de várias áreas das ciências humanas e sociais, tendo como denominador comum a prática docente e científica e o compromisso ético com o conhecimento. Em termos metodológicos, as sessões assumiram, desde o primeiro momento, um formato académico, pela via de sínteses explicativas apresentadas pelos oradores, sendo complementadas por exposições e outras atividades culturais.

Porém, o sucesso das Jornadas esteve muito vinculado à forma magistral como o seu principal coordenador científico ao longo dos anos, Fernando Catroga, o historiador contemporaneísta que cultivava a devoção ao ensino e à investigação, dirigiu os trabalhos e selecionou as temáticas a desenvolver. Os historiadores são homens e mulheres do seu tempo e sabem que as interrogações sobre o passado são suscitadas pelas preocupações do tempo presente. A escolha dos temas recaiu, sistematicamente, sobre matérias atuais, inovadoras, avançando-se com problemáticas pouco ou nada conhecidas, mas suficientemente mobilizadoras do interesse de um público alargado. Vanguardistas, no dizer de Jaime Gouveia, convertendo-se numa “espécie de laboratório de ideias *ante litteram*”. Com inteira razão... Por intermédio do coordenador científico estabeleceu-se uma espécie de vínculo informal entre o saber universitário e a Câmara Municipal de Seia, o qual se converteu na marca fundadora das Jornadas e na sua singular originalidade.

O livro agora publicado, elegantemente redigido numa escrita leve e luminosa, oferece uma panorâmica de conjunto de todas as Jornadas Históricas realizadas, desde 1998 a 2016. Tendo por base um

¹ António de Oliveira, “Conferência de abertura”, *Separata do Colóquio O Faial e a Periferia Açoreana nos Séculos XI a XIX*, Núcleo Cultural da Horta, 1995, p. 28.

meticuloso trabalho de levantamento das fontes disponíveis, com destaque para as gravações áudio das sessões realizadas, está estruturado em três grandes capítulos, precedidos por umas breves notas introdutórias. Remata-o uma conclusão sintética. Inclui, igualmente, um conjunto significativo de fotografias bem como quadros e gráficos concebidos como suportes materiais e explicativos do texto e que clarificam as palavras e as explicações do autor.

Com rigor e clareza, Jaime Ricardo Gouveia resgata a memória de cada uma das Jornadas, dos seus temas mobilizadores, dos seus oradores, das principais intervenções, dos diálogos travados com a assistência, assuntos que sabiamente entretetece, aqui e ali, com pequenos pormenores de ambientes e situações.

Com sensibilidade destaca o que raramente é explicitado em obras desta natureza: o sentimento inalterável de amizade que perpassa pelas Jornadas e que Fernando Catroga deixa bem transparecer na entrevista publicada neste livro. A amizade favorece encontros, diálogos, convívios, seja nos auditórios, nos restaurantes ou nos hotéis de Seia. Foi precisamente dos elos tecidos pela estima e pelo afeto que brotaram algumas das grandes ideias-força que se vazaram nos núcleos temáticos das Jornadas. Jaime Gouveia captou de imediato a feição irredutível das emoções e a sua importância na elaboração do saber.

Cientificidade e amizade, razão e sentimento, a equação improvável constitui, afinal, o segredo do sucesso de vinte anos das Jornadas Históricas de Seia.

Irene Vaquinhas

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / Centro de História da Sociedade e da Cultura